

ENTRE A PRAÇA E O PAPEL: A MEMÓRIA DE ÍRIO RODRIGUES COMO PRÁTICA DE REPARAÇÃO HISTÓRICA

Thiago Gonzaga Telles¹
Carmem G. Burgert Schiavon²

RESUMO

A pesquisa sobre trajetórias negras locais, tomando como referência a biografia de Írio Rodrigues, o Poeta Pobre, insere-se diretamente no campo das relações étnico-raciais e do ensino. Concentrando-se na análise de sua vida e da sua produção poética, o estudo busca compreender os processos históricos e sociais que contribuíram para sua invisibilização na memória cultural, bem como a reflexão sobre as possibilidades de inserção de sua obra no ensino. Com base nestas diretrizes, o trabalho foi desenvolvido a partir da análise qualitativa de suas poesias, escritos e registros, exigindo uma abordagem atenta às lacunas, silêncios e ausências, tendo como apoio, autores que exploram a literatura marginal como um movimento de resistência cultural e suas potencialidades no ensino como prática pedagógica crítica e emancipadora (Férrez; Vaz; Silva; Rufino). Esse percurso permitiu reconhecer a oralidade, a experiência vivida e a cultura popular como fontes legítimas para a construção do conhecimento histórico, ao mesmo tempo em que problematizou os critérios tradicionais de legitimação do saber e os limites da história oficial diante de trajetórias negras e periféricas. O estudo evidenciou que Írio Rodrigues foi um produtor intelectual ativo, cuja poesia expressa denúncias sobre o racismo, desigualdade social e exclusão, convertendo a própria vivência em resistência e linguagem crítica. Apesar da relevância de sua produção, sua trajetória permanece marginalizada nos espaços formais de reconhecimento, revelando a atuação de mecanismos estruturais de silenciamento. Como síntese do trabalho, destaca-se o potencial educativo de sua biografia e de seus escritos, capazes de contribuir para práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da diversidade, o enfrentamento do racismo e a construção de uma educação orientada pela memória, pela justiça social e pelo reconhecimento histórico.

Palavras-chave: Írio Rodrigues, Memória, História, Ensino.

INTRODUÇÃO

O ato de narrar uma vida, sobretudo quando esta emerge das frestas de uma sociedade forjada no silenciamento, vai além de um trabalho biográfico, pois intervimos política e pedagogicamente no tecido da história. Escrever sobre Írio Rodrigues, o Poeta Pobre, exige que nos coloquemos em uma encruzilhada de saberes, onde a rigidez do cânone passa a ser atravessada pela fluidez da oralidade e pela complexidade das experiências vividas nas periferias, indo ao encontro com a perspectiva de Rufino (2021, p. 12), para quem a

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e graduado em História Bacharelado pela FURG. gtelles@furg.br

² Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Professora Titular do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande (ICHI-FURG) e Coordenadora do Subprojeto de História do PIBID da FURG. cgschiavon@yahoo.com.br



descolonização se manifesta como um conjunto de atos gerados justamente nos vazios daquilo que se pretende como o único caminho possível, operando através de uma ginga de corpo capaz de rasurar e transgredir o modelo dominante. Sendo assim, esse trabalho almeja a descolonização do olhar sobre quem produz conhecimento e quais memórias merecem ser preservadas nos espaços de ensino. Situar a trajetória de um homem negro, poeta e marginalizado na cidade do Rio Grande/RS é, fundamentalmente, confrontar os mecanismos de um projeto colonial que ainda opera na distribuição desigual do direito à voz e ao reconhecimento.

A investigação que aqui se inicia toma como ponto de partida a necessidade de compreendermos as trajetórias negras locais como eixos centrais para a compreensão da formação social brasileira, contribuindo para que não sejam relegados apenas a notas de rodapé. Nesse horizonte, Írio Rodrigues foi mais que um observador de sua realidade; foi um intelectual orgânico³ que, munido de caneta e papel, transformou a dor da exclusão em ferramenta de denúncia e a marginalidade em lugar de enunciação crítica. Ao mergulharmos em sua produção poética⁴, somos convocados a pensar as relações étnico-raciais para além das abstrações teóricas, encarnando-as na carne e na palavra de quem sentiu o peso do racismo estrutural, mas que, também soube criar mundos possíveis através da escrita.

Imagem 1: Írio Rodrigues na Praça Xavier Ferreira



Fotografia: Fábio Dutra / Arquivo Jornal *Agora*.

³ Sobre o conceito, ver: GRAMSCI, Antônio. **A formação dos intelectuais**. Rio de Janeiro: Achiame, 2013.

⁴ As obras de Írio Rodrigues podem ser acessadas em: <https://iriorodrigues.furg.br/coletaneas>



O cenário onde sua trajetória se constrói, a cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul, carrega em si as marcas de um passado escravocrata que, longe de estar superado, deixou cicatrizes profundas em nossa sociedade. Nesse contexto, a memória cultural é um território de disputa, onde as elites constroem monumentos para si mesmas, enquanto relegam ao esquecimento aqueles que, com seu trabalho e protagonismo, construíram nossa identidade cultural. Sua invisibilização não ocorreu por acaso, ela faz parte de um projeto de apagamento que recai sobre corpos negros que ousam produzir epistemologias fora dos circuitos de legitimação tradicionais. Portanto, é necessária uma reflexão sobre como o ensino pode ser o campo de reversão desse processo, transformando a vida e a obra do Poeta Pobre em uma prática pedagógica de justiça e reparação.

Para que essa reflexão ganhe corpo, é preciso adotar uma postura atenta às ausências, na qual, a análise qualitativa das poesias e registros de Írio Rodrigues exija do pesquisador, sensibilidade para ler nas entrelinhas, compreendendo o silêncio como uma forma de fala e a lacuna como um vestígio de uma presença que deliberadamente se tenta apagar. Nesse horizonte, a literatura marginal, para além de um gênero literário, torna-se um movimento de resistência cultural, sendo a voz que sobra quando todas as portas se fecham – a estética do possível produzida por quem foi educado pela escassez, mas transbordou em criatividade. Ao trazer essa produção para o campo do ensino, vislumbramos uma educação emancipadora, que compartilhe conhecimento ao mesmo tempo que oferece aos alunos o direito de se reconhecerem na história de seus pares.

A legitimidade do conhecimento é aqui problematizada a partir do reconhecimento da oralidade e da cultura popular como fontes históricas de valor inestimável. Durante muito tempo, a escola e a universidade operaram sob a lógica de que o saber só existe se estiver chancelado por diplomas ou instituições formais; no entanto, é preciso alertar que "a educação se descaracteriza como tal não pela sua multiplicidade de formas, mas pela redução da mesma a uma única coisa que está a serviço de uma política de dominação" (Rufino, 2021, p.18). A trajetória de Írio Rodrigues desafia essa lógica, uma vez que seu aprendizado foi forjado nas ruas, na venda de jornais, no trabalho como engraxate e na observação perspicaz das desigualdades que o atravessavam. Sua obra é um convite para que o ensino se alicerce na valorização do saber-fazer e do saber-viver de sujeitos que, mesmo destituídos de privilégios, são detentores de uma riqueza epistemológica que desconcerta o *status quo*.

Ao tratarmos da poesia de Írio como resistência, estamos falando de uma linguagem que não aceita a docilização; seus versos são flechas que atingem o coração do racismo e da



desigualdade. Ele converteu sua própria vivência, marcada pela pobreza e pela luta constante, em uma crítica social poderosa. O Poeta Pobre utilizou a palavra como escudo e espada, mostrando que a arte periférica tem o poder de subverter o destino que a sociedade reserva aos jovens negros. No entanto, apesar dessa potência, sua obra permanece nas margens dos currículos escolares e dos reconhecimentos oficiais.

A proposta deste estudo, portanto, é pensar o ensino como uma prática de encantamento e de escuta. Não se trata apenas de adicionar o nome de Írio Rodrigues a uma lista de autores reconhecidos, mas de permitir que sua trajetória desestabilize a maneira como ensinamos e aprendemos. É necessário criar espaços onde a memória não seja algo estático, mas uma força viva que circula nas salas de aula e inspira os estudantes a tomarem a palavra para si. O potencial educativo dessa biografia reside na sua capacidade de gerar pertencimento, de mostrar que o conhecimento é um direito de todos e de que a beleza pode florescer mesmo nos terrenos mais áridos da exclusão social.

METODOLOGIA

A presente investigação fundamenta-se em uma abordagem de natureza qualitativa, compreendendo o ato de pesquisar para além de uma coleta neutra de dados e exercendo uma interpretação crítica e sensível sobre a vida e a obra de Írio Rodrigues, o "Poeta Pobre". O percurso metodológico propõe uma imersão em um conjunto de poesias que resistiram à revelia dos circuitos institucionais de custódia e salvaguarda, exigindo do pesquisador sensibilidade para transitar entre a análise literária, a investigação histórica e a reflexão pedagógica.

O objeto central desta análise é composto por um conjunto de poesias e manuscritos produzidos pelo próprio autor entre as décadas de 1990 e 2000. Para lidar com esse material, a metodologia estrutura-se a partir da compreensão de que o documento é um vestígio de uma existência marcada pelo silenciamento estrutural; sendo assim, a análise não se limita ao que está escrito de forma explícita, mas volta-se fundamentalmente para as lacunas, ausências e silêncios que permeiam a trajetória do "Poeta Pobre".

A primeira etapa consiste na arqueologia documental e do sensível, movimento que envolve o olhar atento para as escolhas vocabulares como elementos que denunciam a condição social do sujeito. Aqui, buscamos identificar as estratégias de autoafirmação intelectual de um homem negro e periférico que, destituído de reconhecimentos formal⁵,

⁵ Írio Rodrigues aprendeu a ler sozinho, aos nove anos, com o auxílio de uma cartilha.



construiu sua própria legitimidade por meio da palavra. A análise foca em como o autor subverte a lógica da escassez para produzir uma estética da abundância criativa.

Imagem 2: Coletânea de poesias



Fonte:

registro de Thiago Gonzaga Telles (2026).

A segunda etapa dedica-se à contextualização socioespacial, a partir do pressuposto de que a poesia de Írio Rodrigues não pode ser desvinculada do território que a gestou: a cidade do Rio Grande. Busca-se estabelecer um diálogo entre a produção poética e a geografia urbana, percebendo como as hierarquias sociais e o passado escravocrata da cidade moldaram as margens por onde o poeta circulou. O método, neste ponto, consiste em mapear os lugares de enunciação presentes em seus versos e compreender como esses espaços funcionam como palcos de resistência cultural e política.

A terceira etapa foca na análise interpretativa das ausências, trata-se de um exercício de leitura, no qual o silêncio é interpretado como uma forma de fala. A metodologia busca entender quais vozes foram caladas para que o cânone oficial se mantivesse intacto e os motivos de certos registros serem relegados ao esquecimento.

Por fim, a metodologia culmina na transposição para a dimensão pedagógica, tendo como objetivo a transformação do material biográfico e poético em um dispositivo de



intervenção no ensino de História e de Literatura. A análise busca extrair dos textos o seu potencial de encantamento e de escuta, visando criar estratégias didáticas que permitam aos estudantes de reconhecer-se na história de seus pares. O método, portanto, parte da margem do documento, atravessa a crítica social e retorna à sala de aula como uma prática de justiça e reparação histórica.

Dessa forma, a metodologia configura-se como um esforço de descolonização do olhar acadêmico, substituindo a frieza do dado estatístico pela densidade da experiência vivida e pela valorização da oralidade e da memória popular como fontes legítimas e inestimáveis de conhecimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste trabalho sustenta-se na convicção de que a Literatura é um direito e uma ferramenta de emancipação. Portanto, para compreender Írio Rodrigues como um educador das ruas e sua obra como uma potencial ferramenta de ensino, buscamos apoio em autores que pensam a literatura marginal como um movimento de resistência e a educação como um ato de descolonização. O diálogo aqui estabelecido não é meramente ilustrativo, mas uma “gira de saberes” que busca romper com o que Luiz Rufino (2021, p.14) denomina como modelo de existência pautado na exclusão.

Ao discutirmos a posição de Írio no cenário cultural da cidade do Rio Grande, somos confrontados pela lógica colonial que ainda estrutura nossos currículos. Luiz Rufino (2021, p. 14) nos alerta de que o mundo que nos foi apresentado nos últimos séculos funciona, na verdade, como um "antimundo", pois sua base está em apresentar "um modelo de existência somente possível em detrimento do desvio, da subordinação e da humilhação de tantas outras formas viventes". Írio Rodrigues, foi empurrado para esse lugar de desvio; no entanto, sua obra reage a essa subordinação na medida em que seus versos, como em "Pobre Riqueza", tornam-se uma crítica epistemológica.

Negros e brancos
Ricos e pobre
Ninguém é nobre
Somos iguais
Ante do túmulo
Não há reinado
Reis e rainhas
São igualados



Aos desgraçados
Ninguém é mais. (Rodrigues, 1998)

Essa inversão é o que Sérgio Vaz, em seu movimento de pão e poesia, define como a força da literatura periférica. Para Vaz (2012, p.7), a literatura marginal não veio apenas para ocupar prateleiras, mas para mudar a vida de quem escreve e de quem lê, tendo em vista que a "literatura marginal ou periférica que veio com força e garra na virada do milênio". Írio Rodrigues, embora pertencente a uma geração anterior à Cooperifa⁶, antecipa esse movimento ao transformar as ruas em um espaço de partilha poética. Sua obra é a prova de que, como afirma Vaz, "nem sempre quem tem casa tem lar", mas muitos moram "no abraço do amigo" ou na força da palavra compartilhada.

A relação entre a margem e o centro é também explorada por Ferréz, que em sua narrativa visceral expõe as marcas do abandono. No entanto, mesmo no cenário de escassez, a escrita aparece como uma forma de atravessar o pesadelo da invisibilidade. A trajetória de Írio dialoga com o realismo crítico da literatura marginal; porém, a morte física não encerra a potência pedagógica do autor. A tarefa da educação, nesse sentido, é "desaprender do cânone" (Rufino, 2021, p. 8).

Trazer Írio para a sala de aula é realizar o que Rufino chama de "vencer-demanda"; trata-se de utilizar a educação como um ato descolonial. O autor (2021, p. 18) é incisivo ao afirmar que "a educação se descaracteriza como tal não pela sua multiplicidade de formas, mas pela redução da mesma a uma única coisa que está a serviço de uma política de dominação". Quando ignoramos o Poeta Pobre e tantos outros sujeitos marginalizados para reproduzir apenas o conhecimento estabelecido – leia-se, eurocêntrico –, estamos servindo a essa dominação. Inserir suas poesias nas práticas pedagógicas permite expandir o conceito de educação, reconhecendo a legitimidade daqueles que longe das instituições formais, construíram suas epistemologias a partir de suas vivências reais.

Írio Rodrigues, em sua poesia "missão de amor" (2001), opera uma pedagogia da presença, recusando-se a ser uma nota de rodapé. Já em seu texto "Caro Leitor", percebemos a manifestação de uma humildade que desafia a soberba acadêmica. Írio nos possibilita trazer para o debate temas presentes em nosso cotidiano – como o racismo estrutural, a ética, a religiosidade e a violência urbana –, permitindo uma prática pedagógica crítica e emancipadora.

⁶ A Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia) é um movimento cultural e literário fundado em 2001 por Sérgio Vaz, na zona sul de São Paulo.



Em suma, o referencial teórico aqui construído entende que a literatura marginal não é um subgênero, mas um movimento político de retomada da palavra. É uma aposta na educação como "gira descolonial" (Rufino, 2021), na qual o "Poeta Pobre" é aquele que nos ensina a ler o mundo a partir das frestas, das esquinas e do coração de quem, mesmo no abandono, nunca deixou de escrever.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa revela, antes de tudo, que a obra de Írio Rodrigues se projeta como uma ferramenta pedagógica de transformação social, alinhada ao que Paulo Freire define como uma educação que deve ser, antes de tudo, uma prática de liberdade. Ao inserirmos o "Poeta Pobre" no cotidiano do ensino, damos origem a um movimento que rompe com a "educação bancária" – na qual onde o conhecimento é meramente depositado em alunos passivos –, para promover uma educação problematizadora que valoriza a bagagem do educando. Para Freire (1987), a educação autêntica não se faz de A para B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo; nesse sentido, levar a poesia de Írio para a sala de aula é, portanto, mediar a relação do estudante com a sua própria realidade urbana e histórica, permitindo que ele reconheça as contradições do chão onde pisa. Essa abordagem é fundamental para que o aluno aprenda a ler o mundo por meio de suas experiências, encontrando na escrita de Írio um espelho que reflete vivências muitas vezes ignoradas pelos manuais didáticos tradicionais.

A potencialidade de se trabalhar com a obra de Írio Rodrigues reside justamente na sua capacidade de oferecer outras perspectivas sobre a realidade; ou seja, enquanto a historiografia eurocêntrica e os currículos conservadores tendem a focar em narrativas hegemônicas e distantes, os versos de Írio trazem a margem para o centro do debate. Ao analisarmos, por exemplo, a poesia "Os Anjos", percebemos que o autor constrói uma crítica ao racismo simbólico ao questionar a ausência de anjos negros na iconografia religiosa, sugerindo que tal apagamento não é casual, mas expressão de um preconceito que historicamente associa o negro à subalternidade – ao mesmo tempo em que reafirma, nas entrelinhas, a igualdade entre todos perante o divino.

Perguntei ao santo padre,
Ainda na sacristia,
Por que entre os anjos brancos
Um só negro não havia.

Ele então me respondeu

Num tom triste e amargurado:
"O pintor os esqueceu
Por isso não foi pintado"

Eu então lhe respondi
" É imperdoável o que ele fez



Não pintar um anjo negro
Nem ao menos uma vez".

Não seria o preconceito
Que tocou seu coração?
Anjo branco tem direito
Negro só pra escravidão!

Esqueceu o tal pintor
Que os anjos são celestiais,
Que pra Deus Nosso Senhor
Negro e branco são iguais.

Que ele havia de pintar
Com a mesma maestria
Um anjo negro no altar
Da Santa Virgem Maria.

Para Deus não tem perdão.
O pecado cometeu
Com a palheta na mão

Só dos negros ele esqueceu.

Se assim foi, eu não aceito
E não sei por qual razão
Pintou anjos tão perfeitos
No azul da imensidão.

No azul do céu do altar
Não sei como esqueceu
Dos anjos negros pintar,
Isto até me comoveu.

Eu juro que fiquei triste
Com o exímio pintor
Se anjos brancos existem
Por que não ter de outra cor?

Só os negros esquecidos
E eles são anjos também
Serão no céu recebidos
Por Deus, Assim seja, amém. (Rodrigues, 2001)

No contexto do ensino de História e de Sociologia, esses versos funcionam como temas geradores que permitem ao professor e ao estudante discutir a estrutura social brasileira de forma visceral e situada. Essa mudança de perspectiva é um convite para que o jovem periférico compreenda que sua realidade não é um erro ou um acaso, mas o resultado de processos históricos que podem e devem ser questionados por meio da intelectualidade.

Um dos pontos mais sensíveis e urgentes desta pesquisa é observar como a obra de Írio fortalece o pertencimento e o reconhecimento de estudantes que possuem raras referências positivas em seu percurso formativo. É comum que estudantes negros, ao buscarem modelos de intelectualidade, encontrem figuras situadas em contextos geográficos ou temporais muito distantes de sua realidade – isso quando as encontram. A presença de Írio Rodrigues e de outros protagonistas negros nos currículos locais rompe com esse distanciamento. Quando um aluno se depara com a trajetória de personalidades que transformaram suas realidades frente a todas as adversidades, ocorre um processo de identificação que o cânone tradicional raramente lhe proporciona, criando um reconhecimento não apenas intelectual, mas territorial e sobretudo, ancestral. Como nos lembra Luiz Rufino (2021), a tarefa da educação descolonial é justamente desaprender do cânone para permitir que outros saberes ocupem o centro do debate. Írio é a prova viva de que a periferia é berço de uma inteligência sofisticada que resiste ao apagamento institucional.

Essa validação da identidade é o que Sérgio Vaz (2012, p. 32) defende ao tratar a literatura como o pão necessário para alimentar a alma de um povo que foi historicamente



privado de se ver como produtor de arte. Para Vaz, a literatura periférica é uma convocação à dignidade, e Írio, ao apresentar sua obra de forma "despretensiosa", antecipa esse movimento de democratização da palavra. Ao levar esses textos para a sala de aula, o educador oferece ao aluno uma referência que é, ao mesmo tempo, próxima e potente; isso combate a ideia de que a produção de conhecimento é um privilégio de centros distantes ou de figuras monumentalizadas em mármore branco. A poesia de Írio, carregada de memórias, cria um vínculo entre o estudante e a sua própria história e ancestralidade, transformando a escola em um espaço de acolhimento e de reparação.

Além disso, a presença de Írio nos currículos contribui para a construção de uma memória coletiva que ajuda a enxergar as marcas de um passado escravocrata que moldou a cidade do Rio Grande, mas sob a ótica da resistência – e não apenas da dor e ou da subalternidade. A partir da metáfora da vida como encenação, o poema “Atores e Atrizes” (2000) possibilita uma leitura histórica e crítica das desigualdades sociais ao revelar como sujeitos, especialmente os mais vulnerabilizados, são constrangidos a desempenhar papéis marcados pela dor e pela resistência, ocultando suas trajetórias de sofrimento sob a aparência de normalidade imposta pelas estruturas sociais.

Cada um de nós tem sua história
Uns de ventura, outros de amargor
Que ficarão para sempre na memória
Tempos ditosos ou de dor.

Atores e atrizes
Cada um tem seu papel
Uns vivendo infelizes
Outros que vivem num céu.

São artistas de cinema
Mesmo sem se aperceberem
Representam suas penas
Os que vivem a sofrer.

E tem uns que vivem a vida

A sorrir, não sei por que
Talvez seja mais florida

A estrada do seu viver.

Eu não tive a mesma sorte
No meu filme “O infeliz “
Representei ser um forte
O destino assim o quis.

Sofri minha desventura
A sorrir representei
Ser feliz na amargura
Dos tormentos que passei.

Nós somos protagonistas
De um filme sem igual,
Um papel pra cada artista
Morremos, eis o final. (Rodrigues, 2000)

Sendo assim, a obra de Írio Rodrigues atua como um recurso pedagógico que dá visibilidade a experiências silenciadas, garantindo que o legado do Poeta Pobre realize a "gira descolonial" proposta por Rufino e a "comunhão" esperada por Freire, solidificando o



entendimento de que a educação só é completa quando o estudante consegue se ver, se reconhecer e orgulhar-se do lugar de onde fala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado consolida-se no compromisso ético e político com a memória dos “invisíveis” e com a democratização do conhecimento histórico. Ao longo desta pesquisa, buscamos compreender as potencialidades de sua obra como ferramenta de descolonização do olhar e do ensino. Em síntese, a pesquisa revela que a obra de Írio é muito mais do que poesia; é um manifesto de resistência intelectual que desafia as hierarquias tradicionais do saber e propõe uma nova arquitetura para o ensino.

Um dos resultados mais significativos deste estudo foi observar como o acesso à trajetória de Írio Rodrigues fortalece o sentimento de pertencimento. Vivemos em um cenário no qual as referências intelectuais negras, quando presentes, são frequentemente apresentadas em contextos geográficos ou temporais muito distantes da realidade imediata dos alunos; isso cria um abismo simbólico que dificulta a construção de uma identidade positiva. Írio, no entanto, nos oferece caminhos possíveis. Ele é o doutor que não cursou a faculdade de medicina, mas a “faculdade amargura”, e que se formou nas “provas da vida”. Essa metáfora, presente em suas “quadrinhas, simplesmente quadrinhas” (Rodrigues, 2003), é uma ferramenta didática poderosa para desconstruir a ideia de que o pensamento, sobretudo crítico, é algo exclusivo de quem possui títulos formais ou ocupa posições socioeconômicas confortáveis na sociedade. Ao validar a experiência vivida como fonte de saber, Írio retira o conhecimento das mãos de uma elite, devolvendo-o à sociedade como uma ferramenta de emancipação.

A transposição pedagógica para a educação básica contribui diretamente para o reconhecimento da cultura popular. Quando levamos para o debate escolar a poesia “Pobre riqueza” (Rodrigues, 2003), estamos ensinando aos jovens a exercitar a crítica social de forma poética e contundente, por meio de uma literatura que não pede licença para existir e não busca a validação das academias de letras, mas que se alimenta da urgência da sobrevivência. No chão da escola, essa perspectiva ajuda a combater o desinteresse e a evasão, pois o estudante percebe que a instituição está, finalmente, falando a sua língua e reconhecendo a dignidade de sua própria origem. A poesia de Írio, portanto, é uma ferramenta de ensino que prioriza a escuta, a empatia, o pertencimento e nos permite praticar a reparação histórica necessária, além de fortalecer os ditames da Lei 10.639/2003. Esse movimento pedagógico



estimula a curiosidade investigativa e a valorização das histórias de família e de comunidade – seus saberes e fazeres –, criando um ciclo de preservação da memória que ultrapassa os muros da escola. A biografia de Írio, marcada pelo abandono institucional, mas pela abundância criativa, ensina que a preservação de uma trajetória negra é, por si só, um ato de insurgência contra o esquecimento sistêmico que moldou a cidade do Rio Grande e tantas outras cidades do Brasil.

A obra de Írio Rodrigues é um convite para que o educador se torne um companheiro de jornada de seus alunos, no sentido freiriano de comunhão. A potencialidade desses materiais reside na sua capacidade de gerar uma guerrilha poética dentro da sala de aula, na qual o objetivo não é apenas decorar datas ou nomes, mas desenvolver uma consciência crítica sobre as engrenagens de poder que ainda operam em nossa sociedade. A contribuição deste trabalho para o campo das relações étnico-raciais é, portanto, a de oferecer uma referência concreta e local que sirva de âncora para a construção de uma educação antirracista de fato. Írio Rodrigues, o Poeta Pobre, deixa de ser um personagem invisibilizado pela história oficial para se tornar um mestre da resistência literária, cuja voz continua ecoando como uma convocação à delicadeza e à luta.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FERRÉZ. **Deus foi almoçar**. São Paulo: Planeta, 2012.

GRAMSCI, Antônio. **A formação dos intelectuais**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2013.

RODRIGUES, Írio. **Inéditos**. Rio Grande: [manuscrito], 2006.

RODRIGUES, Írio. **Coletânea**. Rio Grande: [manuscrito], 1998.

RODRIGUES, Írio. **Uma missão de amor**. Rio Grande: manuscrito, dez. 2001.

RODRIGUES, Írio. **Coletânea 2003**. Rio Grande: Salisgraf, 2003.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia: histórias de um povo lindo e inteligente**. São Paulo: Global, 2012.

